

Kaimbé fazem o mutirão da resistência

Desde 1700 os índios Kaimbé são donos de uma légua em quadro de terras, em pleno sertão baiano. Uma doação régia delimitou a Missão de Massacará, dos padres franciscanos. Até fins do século passado a posse da terra foi relativamente tranquila. Daí por diante começaram a chegar os brancos, principalmente alguns poderosos senhores da região: os coronéis.

Sem mais contarem com a proteção dos missionários, os índios se deixaram intimidar, perdendo a posse de parte considerável de suas terras, restando-lhes as menos férteis. Ainda hoje o quadro se configura dessa forma, acrescentando-se os inúmeros pequenos posseiros que hoje disputam as terras indígenas.

PRIMEIRA DEMARCAÇÃO

Na década de 40, por interferência do Monsenhor Renato Galvão, foi criado o sub-posto indígena sob a responsabilidade do Serviço de Proteção ao Índio (depois Funai). Ambos os órgãos tutores se limitaram a um assistencialismo inconsequente, nada fazendo para impedir o esbulho do patrimônio tribal.

A partir de 1979, o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), inicia suas atividades na área, ocasião em que os índios ensaiavam os primeiros passos de resistência a uma violenta grilagem promovida por um elemento conhecido por Severino, da firma "Otemapes". Por três vezes os índios destruíram as cercas levantadas por Severino, tudo indicando que o invasor se deu por vencido.

Em outubro de 1979, após participarem de uma assembléia indígena na Ilha de São Pedro, em Sergipe, eles demarcaram 90% do seu tradicional território. Agora, pretendem concluir os trabalhos até o final do ano, apesar das ameaças de alguns invasores. Enquanto isso, a organização do grupo vai se delineando, tendo sido formado um conselho tribal para conduzir a luta.

MUTIRÃO

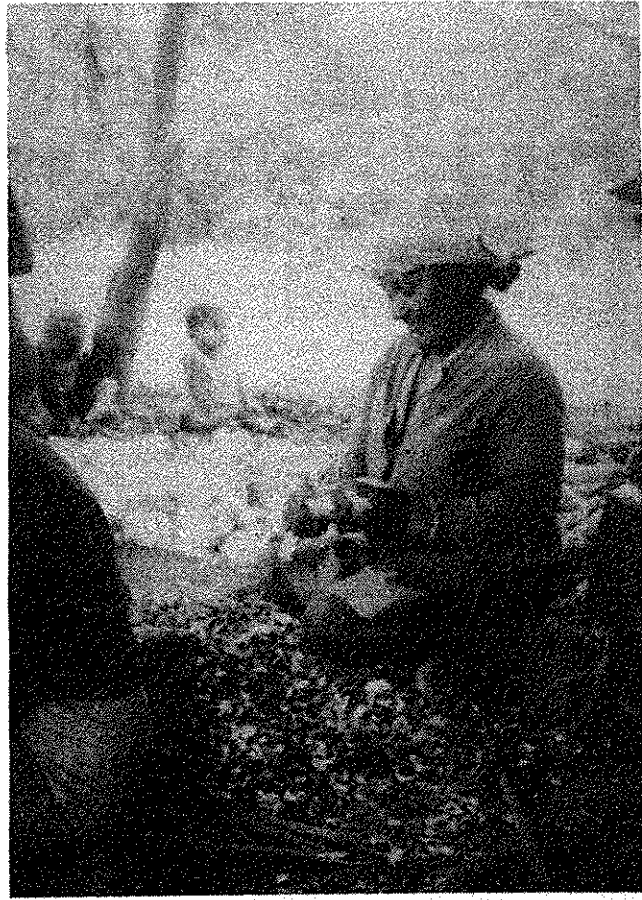
Em 1980, os Kaimbé começaram a fazer roças às margens do único córrego da área, considerado como de propriedade de um conhecido Doutor Ary. Veio a Polícia, veio o tal doutor, mas os índios não desistiram. Hoje se vê a fartura de quatro roçados alimentando a esperança e a resistência de muitos índios.

Animados com o sucesso dos roçados dos companheiros e indignados com o abandono da única lagoa da região — também nas mãos do doutor Ary, os demais resolveram ocupá-la e plantar arroz.

Eis o que relata o Conselho Tribal à Coordenação do Cimi-Nordeste: "Não queremos nossa terra em desprezo, queremos os frutos dela, pois assim Deus ordena e os índios estão todos alegres porque confiam em Deus que não passam mais fome. Estamos todos unidos a bem das nossas águas. O vaqueiro do doutor Ary já saiu porque nós pedimos que ele tinha de sair. Ele ficou se amarrando e nós reunimos no domingo e fomos jogar bola lá num campo que ele tinha proibido há dois anos. O nosso alvo é trabalhar, mas aos domingos fazemos um preparo físico de bola e corremos, falamos, gritamos, tomamos banho, falamos no nome de Deus, pois é sobre tudo na terra e no céu.

"Porque o adeus do vaqueiro (gerente)? Foi ele que ia sair, mas o dr. Ary, ia mandar pistoleiro nos destruir. Mesmo assim nós permanecemos dentro de nossa terra e podemos morrer de pé, como uma árvore que pode chegar o machado. Mas tem um ditado que diz que o risco que corre o pau corre o machado. E tudo bem".

Num grande mutirão, os Kaimbé de Euclides da Cunha, interior baiano, conseguiram cercar a lagoa e semearam arroz. O benefício foi levado a 69 famílias, em setembro deste ano. (Fábio Alves dos Santos — Cimi Nordeste, Propriá — SE).



Os índios resistiram e hoje colhem os frutos da união (Foto arquivo).